

APONTAMENTOS NA PRODUÇÃO TELEJORNALÍSTICA: UM OLHAR SOBRE SIGNOS, MEDO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO JORNAL NACIONAL

Notes on telejournalistic production. A look at signs, fear and climate change in the Jornal Nacional

Notas sobre producción teleperiodística. Una mirada a los signos, el miedo y el cambio climático en el Jornal Nacional

Mônica Candéo Iurk¹

Mônica Cristine Fort^{2, 3, 4}

RESUMO

Percebemos, observamos e interpretamos textos cotidianamente. Diversas linguagens (impressos, áudios, imagens), diferentes signos. No jornalismo televisivo, a narrativa utiliza códigos para construir discursos que podem gerar sensações coletivas derivadas das

¹ Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2005) e mestrado em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Atualmente é Analista de Comunicação Social - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - AC e professora substituta da Universidade Federal do Acre. E-mail: monicaiurk@gmail.com.

² Professora e pesquisadora do Programa de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP), Brasil. Possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (1988), graduação em Administração pela Faculdade Católica de Administração e Economia (1989), Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1999) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004), com pesquisa em Mídia e Conhecimento. Pós-doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), Brasil. Vice-líder do GP Incom – Interações Comunicacionais, Imagens e Cultura Digital. E-mail: monicacfort@gmail.com.

³ Uma versão deste artigo foi apresentada no DT 1 – Jornalismo, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (Intercom Sul), realizado de 26 a 28 de maio de 2016, em Curitiba, Brasil.

⁴ Endereço de contato das autoras (por correio): Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - AC, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - AC. Avenida Getúlio Vargas – 2473, Bosque, CEP: 69900-607 - Rio Branco, AC – Brasil.

reportagens. O presente artigo tem como objetivo identificar elementos que podem ser interpretados como geradores de medo derivado a partir de informações apresentadas em reportagem televisiva. O assunto em pauta são as mudanças climáticas e a reportagem que serve como objeto de estudo foi apresentada no *Jornal Nacional* da Rede Globo em outubro de 2015. Busca empregar a relação triádica de Peirce: representamen – objeto – interpretante.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas jornalísticas; Signos; Mudanças climáticas; Medo.

ABSTRACT

We perceive, observe and interpret texts daily. Several kind of languages (printed, audio, images), different signs. In television news, the narrative uses codes to build speeches that could generate collective sensations derived from reports. This article aims to identify elements that could be interpreted as generators of fear derived from information submitted in television report. The subject on the agenda are climate change and the report that serves as an object of study was presented at the *Jornal Nacional*, Rede Globo, in October 2015. Search apply the triadic relationship of Peirce: *representamen* – object – interpretant.

KEYWORDS: Journalistic narratives; Signs; Climate changes; Fear.

RESUMEN

Percibimos, observamos e interpretamos textos diariamente. Varios tipos de idiomas (impreso, audio, imágenes), diferentes signos. En las noticias de televisión, la narrativa usa códigos para construir discursos que podrían generar sensaciones colectivas derivadas de los informes. Este artículo tiene como objetivo identificar los elementos que podrían interpretarse como generadores de miedo derivados de la información presentada en el informe de televisión. El tema de la agenda es el cambio climático y el informe que sirve como objeto de estudio fue presentado en el *Jornal Nacional*, Rede Globo, en octubre de 2015. Buscar aplicar la relación triádica de Peirce: representamen - objeto - interpretante.



PALABRAS CLAVE: Narrativas periodísticas; Signos; Cambio climático; Miedo.

Recebido em: 26.03.2018. Aceito em: 20.04.2018. Publicado em: 23.04.2018.

Introdução

O uso da televisão como forma de se informar diariamente é prática da maioria da população brasileira⁵. Tendo como recurso as linguagens oral e visual, o jornalismo televisivo tem alto poder de penetração e sensibilização principalmente por apresentar imagens em movimento. A construção das narrativas no telejornalismo segue padrões e critérios jornalísticos e de suas emissoras⁶, mas também utilizam recursos estéticos, éticos e lógicos para atrair seu público.

² Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira (PBM 2015). Os dados mostram que 73% dos brasileiros assistem televisão diariamente. Deste grupo, 79% têm como objetivo principal se manter informado. O levantamento foi realizado no mês de novembro de 2014, com entrevistas pessoalmente por 300 entrevistadores nos domicílios dos 18.312 entrevistados, distribuídos entre os 26 estados e o Distrito Federal, através de questionário com 85 questões. Recuperado de <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. (Acesso em: 20 mai 2015).

⁶ Neste trabalho utilizaremos os padrões da Rede Globo de Televisão por ser o objeto de estudo um produto desta emissora.

O jornalismo, de acordo com os *Princípios editoriais das organizações Globo* é:

Aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade (GLOBO, 2011, online⁷).

Como critérios para seleção do que será produzido para o jornalismo, pode-se utilizar, por exemplo, a proximidade com o fato, a abrangência do acontecimento ou ainda outras características que se enquadrem nos valores-notícia, como indicam os autores Golding e Elliot, citados por Wolf (1999):

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na

⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>>. (Acesso em: 20 mai 2015).

preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (...) Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos. (GOLDING; ELLIOT, *in* WOLF, 1999: 196).

Além dos aspectos do âmbito jornalístico, há de se considerar os aspectos estéticos, ou seja, os aspectos semióticos, que são representados e interpretados, criando assim os efeitos de sentido em tudo o que é produzido, veiculado e recebido pelas pessoas. Utilizando a tríade primária da semiótica de Peirce, a pretensão deste trabalho é apontar como uma pesquisa foi reportada pelo *Jornal Nacional* e possíveis interpretações de riscos e insegurança que gerem medo no público telespectador.

1. Signos e o medo no Jornal Nacional

O *Jornal Nacional (JN)*, no ar desde setembro de 1969, é transmitido de segunda-feira à sexta-feira entre as 20h30

e 21h15, dividido em blocos e inserido na grade de programação entre duas telenovelas, a que antecede o *JN* é de temática mais leve e a que o sucede tem uma essência mais densa, com discussões mais profundas sobre questões sociais. O horário em que o *JN* vai ao ar é considerado 'nobre', com inserções comerciais de valores mais caros. Isso é resultado de pesquisas de audiência, pois ainda é o período do dia em que mais pessoas estão à frente da televisão.

O produto jornalístico *JN* tem temática diversificada, quer dizer que há uma mistura de temas sem uma marcação entre o final de um assunto e o outro a ser abordado. Por exemplo: num mesmo bloco do programa em que é exibida uma reportagem sobre exportação de flores, é também apresentada outra produção sobre mortos em combate. No dia da exibição da reportagem tomada como objeto do presente texto, foram apresentadas reportagens sobre o crescimento do número de empregos na área rural, outra sobre a tentativa de fuga de um presídio

de um detento disfarçado como uma senhora, pesquisa que aponta a carne processada como uma causa de câncer, entre outras, num total de 21 vídeos divididos em quatro blocos e mais um *teaser*⁸ inicial com a escalada⁹ do jornal. O telespectador não é preparado para o que vem a seguir, ou seja, a intenção do produtor sobre a sequência é a que prevalece.

Temos de considerar, por outro lado, que é ao receptor que o emissor¹⁰, suas intenções e estratégias se dirigem. É para o *outro* e com o *outro* que o processo faz sentido. Cabe ao emissor marcar o encontro, provocar a relação (IASBECK, *In* DUARTE; BARROS, 2005: 201; grifos no original).

O objetivo deste texto é apontar signos que, interpretados, possam gerar a sensação do medo nos espectadores.

⁸ *Teaser*: trecho de uma reportagem a ser apresentada durante o telejornal. Serve para destacar algo a ser ainda exibido.

⁹ 'Escalada' é um termo jornalístico que significa a primeira parte do jornal em televisão, quando os apresentadores falam, alternadamente, as chamadas ou títulos das matérias. Em geral as chamadas são impactantes, para atrair o público e induzir que a pessoa assista até o final do programa.

¹⁰ Emissor pode ser considerado como o veículo que produz e veicula o produto audiovisual, neste caso o telejornal *Jornal Nacional*.

Utilizamos a definição de Peirce para falar dos signos: "É aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido" (Peirce, 2005, p. 46). Faz-se necessário também mencionar que o signo é categorizado pelo autor em tricotomias¹¹. Consideramos como categoria à pesquisa analítica neste artigo a relação triádica: *representamen* - objeto - interpretante.

No dia 26 de outubro de 2015 foi ao ar uma reportagem com a chamada *Cientistas dizem que calor vai tornar vida insuportável em região do planeta*¹²,

¹¹ Peirce definiu, "num nível de generalização máxima", de acordo com Santaella (2002: 7), elementos universais e formais em todo e qualquer fenômeno: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade seria o original, o inesperado, o acaso, a secundidade à determinação, surpresa, e a terceiridade a inteligência. "A forma mais simples da terceiridade, segundo Peirce, manifesta-se no signo, visto que o signo é o primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível interpretante)" (2002: 7).

¹² Título de chamada na página do *Jornal Nacional* no G1. Recuperado de <http://g1.globo.com/jornal->

sobre as mudanças climáticas e uma das possíveis consequências levantadas pelos cientistas. Considerando as categorias de Peirce, pode-se apontar a primeira relação semiótica: a pesquisa científica como objeto, a reportagem como signo e a reação, desconhecida do público, o seu interpretante. Porém, como um signo gera outro a partir da interpretação, de acordo com o que explica Andacht (Informação verbal, 2015): "A significação do que um signo representa somente pode ser compreendida ou captada em outro signo mais desenvolvido, que Peirce chama de interpretante e que é gerado no processo semiótico autônomo da ação de signos ou semiose", os apontamentos sobre os signos seguem na sequência cronológica da produção do *JN*.

A reportagem televisiva selecionada como objeto deste estudo, a primeira a ser exibida no segundo bloco do programa *JN*, tem a duração de quase

dois minutos (1' 57") e abordou a hipótese de que a região do Golfo Pérsico será inabitável até o fim deste século. A narrativa jornalística traz, em nossa concepção, equívocos do ponto de vista jornalístico e é suportada pela encenação e utilização de elementos audiovisuais que auxiliaram na construção da reportagem. O tema da reportagem é um estudo que indica que a temperatura, em determinadas regiões da Terra, subirá acima da capacidade do organismo humano suportar. Na chamada da matéria, o apresentador William Bonner informa: "Um estudo que envolveu cientistas de duas universidades americanas concluiu que uma região do planeta pode se tornar simplesmente inabitável até o fim deste século".

Figuras 1: Apresentadores do *Jornal Nacional* chamando a matéria.



nacional/noticia/2015/10/cientistas-dizem-que-calor-vai-tornar-vida-insuportavel-em-parte-do-planeta.html (Acesso em: 28 out. 2015).



Fonte: Montagem produzida a partir de material disponível em G1, *Jornal Nacional*, de 26 out. 2015.

Os jornalistas apresentadores do *JN*, Bonner e Renata Vasconcelos (Figura 1), podem ser considerados, de acordo com Andacht referindo-se ao conceito de Peirce, como símbolos¹³, convencionalizado como forma de uma 'lei' pela associação de ideias que a pessoa do jornalista representa na bancada do programa televisivo. Na chamada da reportagem, o texto é falado pelo apresentador em tom de voz normal, porém, percebe-se a entonação mudar quando fala a palavra "simplesmente" destacando a palavra que vem a seguir: "inabitável". Enquanto o jornalista fala, as mãos gesticulam e há uma interpretação do texto abordado,

¹³ "O símbolo é um signo pronto para ser interpretável e é previsível" (Andacht, *Informação verbal, Aula do curso de Pós-Graduação*, 2015).

uma tensão refletida nos semblantes sérios dos dois apresentadores.

Um aspecto que entende-se importante o destaque prévio é a não identificação das instituições responsáveis pela pesquisa, citadas na reportagem apenas como "universidades americanas", assim como a não menção do local na chamada da matéria¹⁴. A representação de Bonner por ele mesmo, âncora e editor-chefe do *JN*, responsável pelo conteúdo que será transmitido, são as estratégias apresentadas por Goffman (1959; 1985; 2002) quando aborda a representação falsa: "As técnicas de comunicação, tais como a insinuação, a ambiguidade estratégica e omissões essenciais permitem ao informante enganador aproveitar-se da mentira sem tecnicamente dizer nenhuma" (GOFFMAN, 2002: 63).

A posição da câmera no início da chamada dos apresentadores sentados na bancada do estúdio faz com que pareçam

¹⁴ Essa não localização geográfica pode representar o nosso lugar, o vosso lugar e todos os lugares.

“estar olhando diretamente, dirigindo as suas palavras a cada um de nós” (ARMES, 1999: 156). Outra característica que aproxima o espectador e destaca a informação como de grande importância nessa etapa pré-reportagem é que enquanto a dupla faz a encenação da chamada, há um movimento de câmera em direção aos apresentadores em *travelling* lateral¹⁵. Além do destaque ao jornalista Bonner, há a composição de cena com a jornalista Renata Vasconcelos, companheira de bancada, conforme já observado na Figura 1. Os dois encenam uma situação-conversa harmoniosa¹⁶, trocam olhares e confirmam um ao outro as informações.

Acredita-se ser importante destacar, a partir dos apontamentos de Goffman (1985; 2002), dois aspectos desta primeira etapa: a descaracterização do local e a ênfase na palavra simplesmente. O interpretante do signo,

¹⁵ Movimento de câmera que se desloca no espaço paralelamente ao objeto principal do plano.

¹⁶ “*Harmonia* é a disposição bem ordenada entre as partes de um todo; concórdia; concordância” (Weil e Tompakow, 2003, p. 30).

ou a interpretação dos telespectadores, da reportagem televisiva pode ser: “O meu lugar é esse que será simplesmente inabitável?”. Ou seja, o *Umwelt*¹⁷ do telespectador está em perigo, pode ser a região dele (do leitor) essa a qual o jornalista falou, e agora?! E o advérbio de modo *simplesmente* falado por Bonner potencializa a situação meramente pelo significado da norma culta da língua portuguesa, porém, com a interpretação, conforme a palavra é proferida pelo apresentador, o significado da frase se torna um alarme, uma situação que está para acontecer aqui e agora. Considera-se outro aspecto formador do efeito de sentido como a reiteração de perigo que representa o semblante da jornalista Renata Vasconcelos. Durante a fala de Bonner, ela acompanha a frase,

¹⁷ O termo *Umwelt* corresponde em português a “ambiente, mundo ambiente” ou, com menos propriedade, “meio ambiente”. No sentido, porém, em que o autor o emprega, ele significa qualquer coisa que depende do ser vivo considerando, e resulta de uma como que seleção por este realizada, dentre todos os elementos do ambiente, em virtude da sua própria estrutura específica -o “seu mundo-próprio”- (UEXKÜLL, 1943: 24).

confirmando as informações e, ao final, levanta a sobrancelha esquerda representando tensão naquela possibilidade apresentada. Tais apontamentos podem ter como consequência a insegurança e o medo.

A reportagem começa com passagem¹⁸ do jornalista Helder Duarte, há um fundo em *chroma key*¹⁹ com a imagem de um local frio, com neve. Duarte veste jaqueta. Enquanto o repórter fala, o fundo é trocado por uma paisagem indicando calor e ele aparece vestido com uma camisa mais leve, remetendo à temperatura mais alta. O fundo volta a mudar, ficando o cenário atrás do repórter dividido entre as duas paisagens, conforme a Figura 2.

Figura 2: Repórter Helder Duarte com fundo em paisagens de calor e frio.



Fonte: G1, *Jornal Nacional*, 26 out. 2015²⁰.

A gente sempre ouve dizer que o ser humano consegue se adaptar a quase tudo. Por exemplo: ao frio extremo, ao calor exagerado que tem feito quase no mundo todo. Mas não é bem assim não, viu? O nosso corpo tem um limite. E a gente já pode estar bem perto de chegar ou ultrapassar esse limite (Texto da primeira passagem do jornalista Helder Duarte, na reportagem analisada no presente estudo).

No referido trecho, é nítida a representação ficcional, ou seja, o repórter não está naqueles ambientes mostrados: com paisagens extremas em um mesmo momento com calor e frio. Outro elemento que auxilia o efeito de sentido da hipótese da reportagem é a interpretação e entonação durante o

¹⁸ Presença do repórter no vídeo.

¹⁹ Técnica de efeito visual que consiste em colocar uma imagem sobre uma outra por meio do anulamento de uma cor padrão.

²⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/cientistas-dizem-que-calor-vai-tornar-vida-insuportavel-em-parte-do-planeta.html>> (Acesso em: 15 abr. 2016).

texto narrado por Helter Duarte. Na frase: “E a gente já pode estar bem perto de chegar ou ultrapassar esse limite”, ele enfatiza a conjunção coordenativa *ou*. É possível interpretar, dada a ênfase do jornalista, que já ultrapassamos o “limite”. Os gestos que faz com as mãos reforçam a mensagem. Na sequência, a reportagem é construída com imagens de ruas de uma cidade, ainda sem identificação, onde muitas pessoas (orientais) estão caminhando no ambiente urbano, com asfalto, prédios e trânsito e parecem “sofrer” com o calor excessivo - toalhas e sombrinhas são utilizadas para proteção, pessoas se abanam e movem-se com esforço.

Sobre o conteúdo de informações, até esse momento os elementos que constroem o texto são as consequências do aumento da temperatura. Porém, ainda não foi apresentada a pesquisa científica, ou seja, as informações apresentadas pelos apresentadores indicaram uma das conclusões do estudo (a temperatura em determinadas regiões será insuportável à vida humana). Na

passagem, no início da matéria, o repórter comenta que o corpo humano tem limites, embora haja a impressão de que se adapta a frios e a calores intensos. Parece indicar que o corpo pode adoecer e que haverá sofrimento caso haja mudanças ainda mais severas nas temperaturas terrestres, mas sem explicar o porquê e como (elementos essenciais em textos noticiosos) até o momento. É mais uma característica que amplia a situação de perigo, amplia a sensação de risco e gera o medo.

Só então, em *off*, com imagens de pessoas parecendo sofrer com temperaturas exageradas do ambiente urbano, o repórter passa a mencionar como foi feita a pesquisa: *E pra entender melhor o que os cientistas anunciaram hoje, vamos saber como eles fizeram os cálculos*. Entra na sequência elementos de computação gráfica, com uma animação do corpo humano que gira (Figura 3). O texto, ainda em *off* do jornalista, informa sobre o perigo do aumento da temperatura de “bulbo úmido”. A reportagem não esclarece exatamente o

que é a temperatura do bulbo úmido, menciona apenas que leva em conta também a umidade do ar, mas como não se trata de expressão corriqueira, a definição poderia ser mais complexa, exigir explicações mais didáticas aos espectadores, o que nem sempre é possível em telejornais que têm pouco tempo de duração. Segue o trecho da reportagem que menciona tal informação:

Os pesquisadores não usaram a temperatura normal, essa da previsão do tempo. Mas a chamada temperatura de bulbo úmido, que leva em conta também a umidade do ar. O homem e a maioria dos seres vivos podem, geralmente, suportar essa temperatura até os 35°C. Isso por um período de menos de seis horas. Acima desse nível, o corpo até de pessoas jovens e saudáveis pode entrar em colapso e a morte²¹ é a consequência mais provável. (DUARTE, *In JV*, 26 outubro 2015).

²¹ Grifo das autoras. A utilização da palavra morte, potencializa a insegurança, o risco iminente de que essa situação possa chegar até onde o telespectador está.

Figura 3: Arte com animação do corpo humano - recurso audiovisual produzido para a matéria.



Fonte: G1, *Jornal Nacional*, 26 outubro 2015.

Até esse ponto, observa-se que não há clareza entre imagens e texto narrado. Em determinados momentos, parecem desconexos, pois enquanto o repórter fala de Nova York (onde é correspondente nos Estados Unidos, país onde as pesquisas foram anunciadas), as imagens que ilustram o texto parecem ser de um país asiático (Figura 4) - até poderiam ser de um bairro asiático em Nova York mesmo, já que existem, mas em outra passagem, na continuidade da reportagem, e essa em ambiente externo (o áudio capta som ambiente indicando que há trânsito de automóveis na região), o repórter está com roupa de frio, ao fundo um transeunte também está com

roupas mais pesadas (jaqueta que parece ser reforçada).

Figura 4: Movimentação nas ruas.



Fonte: G1, *Jornal Nacional*, 26 out. 2015.

Pode-se indicar que aqui são “Os ‘lugares comuns’ que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor” (BOURDIEU, 1997: 41). Esse ‘lugar comum’ pertence ao *Umwelt* do telespectador, pois as imagens (conclui-se que são imagens de arquivo da emissora) se referem a pessoas em área urbana, dirigindo-se ao trabalho, as suas casas, fazendo uma atividade qualquer em qualquer lugar do planeta. Como reforço da deslocalização, na sequência do vídeo há a nova

passagem do jornalista. Ele está em área externa de um local não identificado, o que aproxima o conteúdo/repórter do espectador.

É fim de outubro, as temperaturas começam a cair no hemisfério norte. Na segunda passagem, Helter Duarte comenta que em princípio, 35° C não parece ser muito, mas que até hoje, dificilmente essa temperatura de bulbo ultrapassa 31° C, “mesmo nas regiões mais quentes do planeta”. Só então, o repórter passa a falar de como foi feito o estudo. Informa que os cientistas:

Pegaram como base do estudo uma das regiões mais quentes do planeta: o Golfo Pérsico. E consideraram que as emissões de gases responsáveis pelo aquecimento global continuem sem controle. O resultado é que, até o fim do século, as principais cidades da região vão enfrentar ondas de calor, acima dos 35°C, é o calor mortal (DUARTE, *In JV*, 26 outubro 2015).

As imagens que ilustram o trecho do texto mencionado também parecem ter sido captadas em outros momentos (arquivo). Além de um mapa, que aparenta ser resultado de computação

gráfica, demonstrando um globo terrestre e destacando onde está o Golfo Pérsico, região da base do estudo, há *takes* de chaminés emitindo muita fumaça, cenas de regiões áridas, desertos. Mas, a partir da referência ao “calor mortal”, há o que vamos denominar de ponto de virada da matéria, quando o jornalista diz: “Mas nem tudo é má notícia”. A imagem apresentada é a de um pesquisador, denominado chefe da pesquisa (Figura 5): “Elfati Eltahir é um dos chefes da pesquisa. Ele diz que se todos realmente se esforçarem pra reduzir a emissão de gases, as mudanças no clima não serão tão severas” (Duarte, *In JN*, 26 outubro 2015). Em momento algum do produto audiovisual, as ‘instituições americanas’ são identificadas, o que segue com o pesquisador: não há o cumprimento de uma das premissas do jornalismo: a informação clara e precisa. O vídeo da fala de Eltahir parece retirado de algum outro produto, pode-se deduzir que não foi uma entrevista para o *JN*.

Figura 5: Elfati Eltahir, apontado como um dos chefes da pesquisa.



Fonte: G1, *Jornal Nacional*, 26 outubro 2015.

A última frase falada pelo repórter: “Temos uma chance. Mas não podemos ficar de braços cruzados” (DUARTE, *In* 26 outubro 2015). Esse ponto é uma chamada para o engajamento. A mensagem pode ser interpretada como: “Você faz parte desse processo, precisamos que você também atue nesta ação”. É como se o repórter quisesse dar uma lição aos espectadores, dividindo a culpa, provocando o medo: se não forem tomadas providências, todos sofrerão.

Considerações finais

A falta de informação precisa, a descontextualização do local, a não identificação das universidades americanas no texto, apontam para a

intenção de confundir o espectador. Os signos que poderiam auxiliar na localização, percepção do real problema, são subestimados e desconexos, assim como os dados apontados como uma pesquisa científica de instituição estrangeira. A autoridade parece ser o fato de que os estudos são norte-americanos. Mas o que significam? É a espetacularização do material jornalístico. “Em toda a parte onde há *representação* independente, o espetáculo reconstitui-se” (DEBORD, 2003: 19). Dando ênfase à representação, a reportagem não parece ser realidade como sugere o documento de princípios editoriais das Organizações Globo.

Bucci (1997) menciona a dramatização no jornalismo brasileiro. Segundo o autor, ao jornalismo não basta informar, mas também chamar a atenção, surpreender e assustar.

Os produtos jornalísticos são produtos culturais e, nessa condição, fazem o seu próprio espetáculo para a plateia. Como se fossem produtos de puro entretenimento, buscam um vínculo afetivo com o freguês. Mas o que se dá na televisão é

mais que isso – e na televisão brasileira é duas vezes mais (BUCCI, 1997: 29).

A referência ao espetacular é tema frequente em pesquisas da área. A televisão é vista como sistema semiótico complexo (SANTAELLA, 1996), por reunir linguagens de diferentes mídias: palavras do impresso, sons do rádio, imagens da fotografia, movimentos e luzes do cinema.

Destacamos durante o texto alguns aspectos em que os signos podem ser interpretados como risco, perigo e tenham como consequência o medo, ou seja, o efeito de sentido da reportagem pode amedrontar. As indicações se aproximam do que caracteriza o *problem frame* apontado por Altheide²², que constituem o misto de notícia com entretenimento e têm como consequência o medo. Para o autor, o quadro problema é construído sobre:

Uma estrutura narrativa coerente, com começo, meio e fim. Assim, é universal e específico, abstrato e real. Para fins de entretenimento e

²² Altheide (2002) estudou sobre medo, violência e crimes.

de identificação com o público, quanto mais próximo o leitor/ouvinte/espectador está do evento em questão, mais relevante é a notícia (ALTHEIDE, 2002: 47; tradução nossa)²³.

Durante a breve pesquisa analítica, foi possível perceber que há muitos signos derivados do objeto escolhido – a pesquisa científica sobre a hipótese de o Golfo Pérsico se tornar inabitável em um breve espaço de tempo. As opções sobre a maneira estética de construir a narrativa jornalística estão diretamente ligadas a qual efeito de sentido os produtores pretendem criar.

Nessa reportagem, o medo fica real, pois é sabido que as mudanças climáticas estão acontecendo. Em uma pesquisa realizada pelo jornal *El País*, divulgada em agosto de 2015, com a pergunta: *Do que as pessoas ao redor do mundo têm medo?*²⁴, 46% dos

²³ "Built on a narrative structure that adds story-like coherence, with a beginning, middle, and end, the problem frame is both universal and specific, abstract and real. For entertainment and audience identification purposes, the closer the reader/listener/viewer is to the actual event, the more salient the report" (ALTHEIDE, 2002: 47).

²⁴ Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/01/internacional/1438445047_049790.html

entrevistados afirmaram que estão *muito* preocupados com a mudança climática.

Portanto, essa reflexão não se esgota por aqui. A pesquisa através das tricotomias de Peirce deve ser ampliada e aprofundada. Pretendemos dar sequência ao estudo, abordando mais reportagens e outros gêneros de informação. Outras temáticas, derivadas ou relacionadas às mudanças climáticas, como o aparecimento de novas doenças ou tragédias e ameaças ambientais, também estão nos planos futuros.

Referências

ANDACHT, Fernando. Aula do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2015

ARMES, Roy. **On Vídeo**. São Paulo: Summus, 1999.

ALTHEIDE, David. **Creating Fear: News and the Construction of Crisis**. New York:

[acional/1438445047_049790.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/01/internacional/1438445047_049790.html) (Acesso em: 17 nov. 2015).



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 2, Mai-Ago. 2018

Aldine De Gruyter, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. eBooks Brasil. 2003

EL PAÍS. **Do que as pessoas ao redor do mundo têm medo?** Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/01/internacional/1438445047_049790.html. Acesso em: 17/11/2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

IASBECK, Luiz Carlos. Método semiótico. In DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

JORNAL NACIONAL. **Cientistas dizem que calor vai tornar vida insuportável em região do planeta**. Jornal Nacional. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/cientistas-dizem-que-calor-vai-tornar-vida-insuportavel-em-parte-do-planeta.html>. Acesso em: 28 ou. 2015.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/formato.htm>. Acesso em: 16 nov. 2015.

ORGANIZAÇÕES GLOBO. **Princípios editoriais das Organizações Globo**. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **A cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 2, Mai-Ago. 2018

SYLVESTRE, Helena Schiavoni;
DOMINGOS, Adenil Alfeu.

Fenomenologia de Peirce: Uma Análise do Repórter Eco. Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo, 2011.

UEXKÜLL, Jakob Von. **Dos animais e dos homens:** digressões pelos seus próprios mundos, doutrina do significado. tr. Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, 1943.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 56 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.